

JUVENTUDES E MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES: DIFERENÇAS E DESIGUALDADES NA CIDADE E NA ESCOLA.

Laís Neves Lopes ¹
Igor Adriano Sufi Soares da Silva ²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar alguns dos resultados alcançados pela pesquisa Juventudes e Múltiplas Territorialidades: Diferenças e Desigualdades na Cidade e na Escola, realizada na cidade de Presidente Prudente (SP), com apoio da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Procurando compreender o processo de fragmentação socioespacial em uma cidade média, partindo das experiências plurais de jovens estudantes empobrecidos, integrantes de coletivos e culturas juvenis, na cidade, a pesquisa buscou também acessar os saberes produzidos nesses espaços informais de conhecimento, na intenção de entender como se articulam e negociam suas diferenças e similaridades com os saberes produzidos na escola, bem como a partir da própria experiência de cidade desses jovens. A pesquisa decorreu inteiramente no período da pandemia da Covid-19, encontrando, portanto, seus percalços, porém, alcançando resultados provocativos a partir das metodologias possíveis. Lançando mão de formulário online, entrevistas semiestruturadas, netnografia e sistematização dos dados produzidos, foi possível perceber a profunda conexão entre espaço escolar, juventudes e cidade, que se manifesta ora conflituosamente, ora complementarmente.

Palavras-chave: Juventudes, Culturas Juvenis, Escola, Cidade, Presidente Prudente.

ABSTRACT

The aim of this article is to present some of the results achieved by the research Juventudes e Múltiplas Territorialidades: Differences and Inequalities in the City and at School, carried out in the city of Presidente Prudente (SP), with support from the São Paulo State Research Foundation (FAPESP). Seeking to understand the process of socio-spatial fragmentation in a medium-sized city, based on the plural experiences of impoverished young students, members of youth collectives and cultures in the city, the research also sought to access the knowledge produced in these informal spaces of knowledge, with the intention of understanding how their differences and similarities are articulated and negotiated with the knowledge produced at school, as well as from these young people's own experience of the city. The research took place entirely during the Covid-19 pandemic, and therefore encountered its setbacks, but achieved provocative results using the possible methodologies. Using online forms, semi-structured interviews, netnography and systematisation of the data produced, it was possible to see the deep connection between school space, young people and the city, which manifests itself sometimes in conflict, sometimes in a complementary way.

Keywords: Youth, Youth Cultures, School, City, Presidente Prudente.

¹ Pós Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual de São Paulo – UNESP, neves.lobes@unesp.br;

² Pós Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de São Paulo – UNESP, igor.sufi@unesp.br;

Dentre as diversas possibilidades de temas na ciência geográfica, as juventudes - mesmo que historicamente deixadas de lado na Geografia - passam a emergir como um campo de interesse cada vez mais significativo para a compreensão de inúmeras dinâmicas, processos e fenômenos que se manifestam no espaço e por meio dele. Tanto as materialidades quanto as imaterialidades presentes nas culturas e práticas juvenis evidenciam-se como elementos cruciais para entender esses jovens não apenas como participantes ativos desses processos, mas também como uma frente de resistência e subversão à lógicas de escalas globais. Diante desse reconhecimento, a presente pesquisa propôs-se a contribuir com o tema, partindo do entendimento da impossibilidade de dissociar a construção de saberes entre as juventudes, a cidade e a escola.

A pesquisa, intitulada "Juventudes e Múltiplas Territorialidades: Diferenças e Desigualdades na Cidade e na Escola", concentrou-se na análise do processo de fragmentação socioespacial a partir das vivências de jovens de baixa renda, membros de culturas e coletivos juvenis, na cidade de Presidente Prudente (SP). O objetivo foi compreender como esses jovens percebem e contribuem para a construção do espaço urbano, além de explorar os conhecimentos presentes em suas culturas e como estes se manifestam e interagem no ambiente escolar.

Com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, o trabalho foi impactado pela pandemia da covid-19, e assim teve de se reestruturar de acordo com as impossibilidades propiciadas pelo contexto de isolamento social. A partir da revisão bibliográfica, do levantamento de dados secundários, aplicação de questionário, entrevistas e netnografia, foi feito o esforço de readaptar a pesquisa de acordo com os instrumentos possíveis, de modo que chegamos a resultados considerados provocativos, apesar dos percalços enfrentados, e que serão mais bem detalhados ao decorrer da escrita.

As conclusões e resultados centraram-se na cidade como um espaço que produz e é produzido pelos conhecimentos e culturas compartilhados pelos jovens, ultrapassando os limites dos espaços formais de aprendizado. Essa profunda interseção entre opressões, violências, resistências e subversões transcende as paredes da escola, frequentemente tensionando ou complementando os conhecimentos, sempre em uma significativa relação entre cidade, escola e culturas juvenis.

As metodologias de escuta dos sujeitos sociais basearam-se, antes de tudo, num minucioso exercício de levantamento do referencial teórico, que estruturasse os caminhos metodológicos, bem como o momento de interpretação e análise dos dados produzidos através delas. Dado o contexto pandêmico e a conjuntura social em que a pesquisa se realizou, de uma total impossibilidade de contato presencial entre os envolvidos devido ao isolamento social, os percursos metodológicos tiveram de ser repensados e reestruturados dentro desse quadro, durante todo o decorrer da pesquisa. Portanto, toda relação foi estabelecida de maneira online, partindo inicialmente do questionário aplicado pelo Google Forms, das entrevistas semiestruturadas e, por fim, da análise netnográfica, as quais relato mais especificamente abaixo.

Questionário

Para a primeira abordagem com os jovens estudantes, o contato inicial com a escola foi primordial. Foi a partir dele que ocorreu a inserção nos grupos de whatsapp das turmas selecionadas, onde diariamente era enviado o link do questionário do Google Forms. O questionário - construído de maneira colaborativa entre o orientador e outro colega de pesquisa - teve o objetivo de alcançar respostas tanto qualitativas como quantitativas, e ser também o meio inicial de acessar os jovens que gostariam de integrar os próximos passos da pesquisa. Com perguntas abertas e fechadas, o questionário girou em torno da identificação de gênero, faixa de renda, idade, participação e/ou identificação com culturas e coletivos juvenis, e adjetivação que dariam tanto para a cidade de Presidente Prudente, como para a própria escola que estudavam, buscando ter alguma noção do que cada um desses espaços representava para as/os estudantes. Ao final do questionário, era deixado o contato da pesquisadora, para que quem tivesse interesse de colaborar com o decorrer da pesquisa, entrasse em contato.

Logo nesse primeiro contato já percebemos algumas das dificuldades que seriam enfrentadas pela conjuntura da pesquisa, uma vez que o grau de engajamento foi abaixo do esperado, obtendo o total de 79 respostas, apesar do extensivo esforço diário de envio nos grupos, por alguns meses. Mesmo assim, este primeiro contato foi frutífero e proveitoso, possibilitando respostas interessantes e, acima de tudo, a participação de quatro jovens no trajeto restante da pesquisa, que partiu para as entrevistas e netnografia.

Entrevistas

Estabelecido o contato com aqueles que demonstraram interesse no caminhar do trabalho, foram então marcadas as entrevistas. Aqui, foram necessários dois roteiros distintos,

ambos semiestruturados, um voltado para a entrevistas com os jovens, e outro direcionado a entrevista com o corpo docente da escola, no caso, dois professores escolhidos. O roteiro com os jovens foi pensado para saber ao máximo seu cotidiano, entender como estabeleciam suas redes de sociabilidade com amigos e familiares, como se dava a relação com a escola e a cidade que habitavam, assim como com os coletivos e/ou culturas juvenis que se identificavam e integravam.

Já com a equipe pedagógica, o roteiro se estruturou no intuito de entender suas relações com a escola e com os próprios jovens estudantes, suas percepções acerca dos conflitos existentes, a trajetória profissional e construção de carreira que os levou até a escola Fernando Costa, e se eram capazes de enxergar alguma correlação entre as culturas/coletivos juvenis e a conduta dos jovens estudantes, buscando perceber se e como tais culturas transpassam os muros institucionais. Perguntas sobre a pandemia da covid-19 também foram feitas, pois consideramos de extrema importância entender como a relação estava se dando em um período tão delicado de impossibilidade de funcionamento presencial da escola e, conseqüentemente, de evasão dos alunos. Sem o prejuízo de acrescentar perguntas ao longo da entrevista, esse passo foi fundamental para o trabalho, por ser o único contato mais direto possível no momento, feito através da plataforma Google Meet. Realizadas as entrevistas, todas foram transcritas e compuseram o banco de dados da pesquisa.

Netnografia

Sobre a netnografia, esta não surge no presente trabalho como uma substituição a etnografia primeiro pensada (antes da chegada da pandemia), mas como um instrumento complementar de grande contribuição que possibilitaria ter acesso as formas de interação virtual dos jovens, em um momento que não é mais possível falar de juventudes sem olhar para essa dimensão, que hoje integra, influencia e constrói diretamente o espaço real. A complementariedade na pesquisa veio por meio da análise dos posts de seus perfis, as expressões políticas e, até mesmo, questões que por eles não foram pontuadas nas entrevistas, mas que eram visivelmente latentes nas suas redes sociais. Desse modo, foram analisadas as descrições do perfil, o número de seguidores/seguindo, qual eram os conteúdos das postagens, as legendas escritas nas publicações, qual era o perfil das páginas seguidas e curtidas, a frequência das postagens e se havia ou não presença de conteúdos explicitamente políticos. Para cada participante, foi esquematizada uma tabela que organizasse melhor as análises dos perfis, para melhor entendimento dos dados.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao trabalharmos a temática das juventudes dentro da ciência geográfica, uma das primeiras preocupações encontra-se justamente na pluralização do termo, entender a multiplicidade de modos de ser jovem e experienciar esse período (Dayrell, 2003) partindo da premissa da heterogeneidade, que faz variar a vivência das juventudes e que os diferentes contextos socioespaciais contribuem para a pluralização. No entanto, mesmo partindo dessa ideia, não significa que haja impossibilidade de agrupar e analisar os sujeitos a partir de características comuns, e é nesse sentido que a dimensão das culturas e coletivos juvenis dá sua contribuição.

Pensar as juventudes no mundo atual se prosta como um desafio representado pela complexidade contemporânea que se atenuou, quando comparamos com contextos pretéritos. Os jovens são sujeitos que interagem e são atingidos constantemente pelos acelerados processos da contemporaneidade, que criam e recriam novas dificuldades e contradições, dando ao futuro uma roupagem cada vez mais incerta, fruto também das desigualdades (Carrano, 2011).

Como manifestação de tal complexidade, podemos olhar para as próprias identidades desses sujeitos que demonstram estar cada dia mais fractal, fragmentada. Sobre isso, Hall (2006) já argumentava ao falar do sujeito pós-moderno e a face cada vez mais fracionada de sua identidade, um processo de desagregação do que antes era mais coeso. Atualmente, determinados valores, por exemplo, perdem sua rigidez, e assistimos os jovens partilhando de valores que, por vezes, se contrapõem (Pais, 2017).

A questão que explicitamos aqui é que para a Geografia, a interação mútua entre materialidade espacial e imaterialidade é crucial para entender as relações espaciais em si, em que o par materialidade x imaterialidade conversam dialeticamente, uma vez que o “onde” tem sua importância no “como” acontece e vice-versa, como comentado por Turra Neto (2013). A partir do entendimento de que tal lógica fractal não está presente apenas no campo simbólico e imaterial, o processo de fragmentação socioespacial adentra a pesquisa, ao manifestar nas cidades a dimensão material dessa dinâmica.

Nesse sentido, a fragmentação socioespacial é compreendida como um processo que “assinala para a queda da unidade social e espacial com que a cidade se apresentou durante algum tempo” (Morcuende, 2021), não sendo substitutiva nem excludente de processos já antigos como a própria segregação e exclusão, também não são tampouco sinônimos, mas podem compor o processo de fragmentação socioespacial (Sposito, 2020).

Nas cidades médias, como Presidente Prudente (SP), a crescente acentuação de processos como o da segregação socioespacial, que se estende para além do local de moradia até diversas esferas do cotidiano, joga a hipótese da fragmentação socioespacial como realidade (Sposito e Góes, 2013), significando uma suposta redefinição do par centro-periferia, para uma lógica policêntrica, manifestada a partir de fatores como intensificação da autossegregação e a multidentalidade no tecido urbano, em que o desencontro e afastamento de sujeitos de diferentes classes sociais estaria cada vez mais expressivo.

Desse modo, advém o interesse de olhar para as juventudes dentro de uma cidade que estaria enfrentando a lógica fragmentária, para perceber quais movimentos, interações e sociabilidades esses jovens periféricos estariam elaborando, partindo da ideia de que a cidade desempenha um enorme papel educativo, por exercer força na formação de nossas percepções frente ao mundo e as imagens que produzimos dele (Bernet, 1997). A educação é, portanto, um processo que transcende os muros institucionais da escola, e os jovens são sujeitos constituídos a partir também dessa interação que varia em diversos contextos sociais, são sujeitos socioculturais (Dayrell, 1997).

Dizer isto não significa olhar para a escola e para seu papel como enfraquecidos, mas justamente o oposto, refletir como são imbricadas as noções de mundo produzidas em ambos os espaços, escola e cidade, suscitando a potencialidade de tal interrelação. Cavalcanti (2013) debate sobre o papel dos jovens enquanto agentes importantes do “processo de produção e reprodução do espaço urbano” (p. 80), integrando os movimentos e lógicas cotidianas que criam e recriam o espaço, as paisagens e lugares, enquanto também constroem sua identidade.

A mesma autora também expõe o espaço escolar como local de circulação de conhecimentos, e acrescento aqui a disputa de narrativas, especialmente através do rico conflito intergeracional, que Cavalcanti pontua como importante “elemento do movimento e da mudança social” (p. 80). A essa dupla interação, adicionamos as culturas e coletivos juvenis, parte fundamental da experiência de cidade (e escola) que as juventudes vivem, pois não são apenas igualmente educativos e produzem identidade, como instituem mecanismos para as próprias deambulações no espaço urbano.

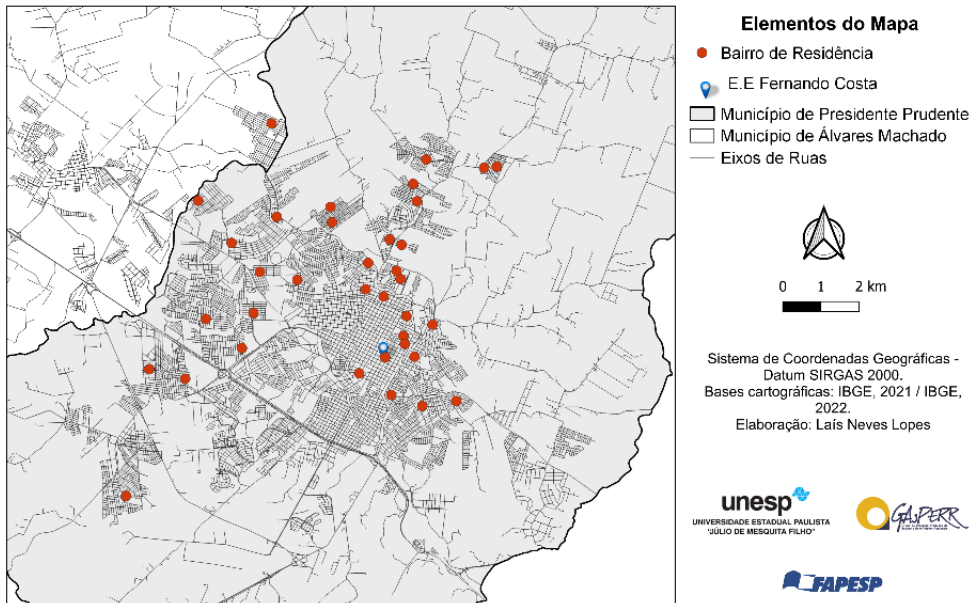
Esses grupos representam núcleos de sociabilidade e experimentações, que não se restringem mais a exclusividade do âmbito familiar, é o meio pelo qual eles estabelecem práticas cotidianas – por vezes, subversivas – e, como posto por Dayrell (2007), marca a própria inserção da vida desses sujeitos na esfera pública, criando espaços e tramas de sociabilidade próprias. Em Presidente Prudente, damos o destaque para uma “mancha da lazer” na cidade,

Barreto Netto (2015) destaca a importância dessa área para a oferta de diversos serviços, sendo o lazer sua principal característica.

Na pesquisa, tal mancha tem importância por concentrar-se no discurso dos jovens e nas práticas de apropriar-se da cidade, logo, a mancha é parte da produção cotidiana de disputas e conhecimentos, construídos no tempo de lazer e consumo, com seus pares. Falamos então da tripla interação educativa entre escola, cidade e culturas/coletivos juvenis, como um valioso tripé para compreender o que e como se aprende e ensina, a partir de saberes que estão sim localizados, mas não necessariamente se fixam em instituições específicas.

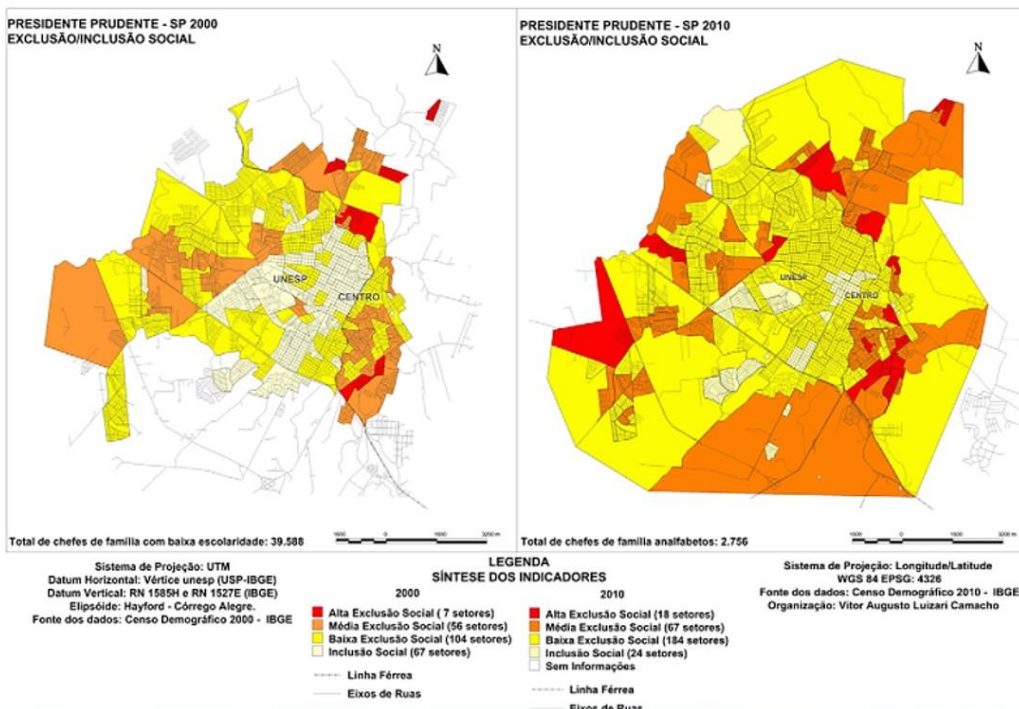
RESULTADOS E DISCUSSÃO

“O I.E ninguém entende. Ninguém consegue entender o I.E”. Essa frase foi dita por Alexandre, um dos professores entrevistados na pesquisa, que já começou sua fala evidenciando a grandiosidade e complexidade da escola Fernando Costa. Situada no centro histórico da cidade de Presidente Prudente, a escola participante contava com um total de 1027 alunos matriculados no ano de 2021, destacando-se como uma das instituições educacionais mais significativas e tradicionais do município. A escola é marcada por uma notável diversidade socioespacial, situação que pode ser percebida a partir do mapa abaixo:

**MAPA DISTRIBUIÇÃO RESIDENCIAL DOS ALUNOS (QUE RESPONDERAM O QUESTIONÁRIO) DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA
E.E FERNANDO COSTA - PRESIDENTE PRUDENTE**

Fonte: Mapa produzido pela autora.

O mapa acima revela a distribuição residencial dos alunos que responderam o questionário que, no total, recebeu 79 respostas. Como dito anteriormente, com plena noção de que a amostragem é incompatível com o universo do público-alvo da pesquisa, mesmo assim foi possível alcançar vestígios interessantes. Apesar da diversidade socioespacial percebida na escola, notam-se certos padrões discerníveis, como a predominância de jovens residentes nas zonas Norte, Leste e Oeste da cidade. Estas áreas não apenas se distanciam do centro, mas também contrastam com as zonas Sul e Centro, que apresentam melhores indicadores sociais, conforme apontado pelo Atlas Ambiental Escolar de Presidente Prudente, e representado visualmente no mapa de exclusão e inclusão social de Presidente Prudente:



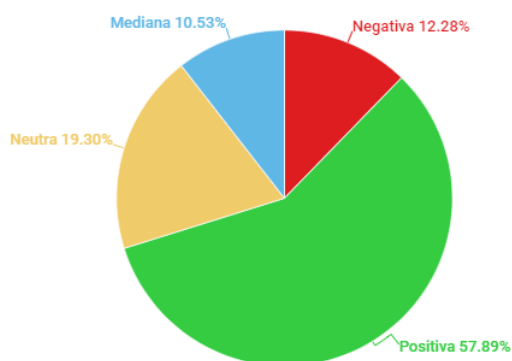
Fonte: Atlas Ambiental Escolar de Presidente Prudente – SP, Brasil, 2017.

É relevante destacar que o mapa acima remonta ao ano de 2010, período em que o Conjunto Habitacional João Domingos Netto ainda não existia, e encontra-se atualmente na zona norte da cidade, e foi amplamente mencionado pelos jovens respondentes do questionário. Ao analisar o perfil social predominante nessa localidade, observa-se que a construção desse conjunto habitacional, parte do programa Minha Casa Minha Vida (faixa 1), consolida a zona norte como um ponto de concentração da população com renda mais baixa na cidade. Já o centro é visto como uma área de maior diversidade econômica, por oferecer serviços variados. Em contraposto, temos a zona sul da cidade, amplamente caracterizada pela dinâmica da autossegregação, evidenciando uma das lógicas do processo de fragmentação socioespacial, estão localizados condomínios de luxo como os do Grupo Damha, nenhum deles mencionado pelos estudantes como local de habitação.

Ainda a partir da aplicação do questionário percebemos uma diversidade previamente imaginada, especialmente no que se refere à concepção e visão que eles têm da escola, resultando em respostas que apresentam uma não unanimidade de percepções entre os sujeitos, representada pelo gráfico abaixo:



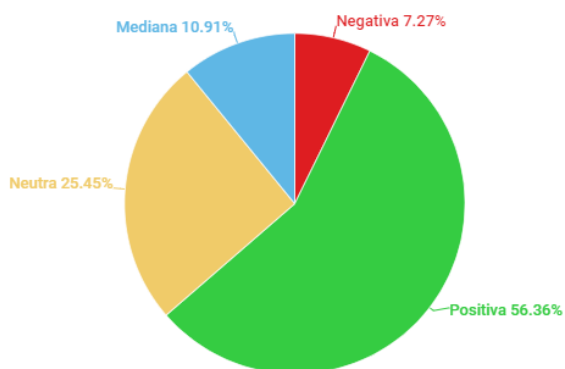
A ESCOLA IE FERNANDO COSTA É...



Fonte: autoria própria.

Apesar da grande maioria das respostas se concentrarem na classificação positiva, a não unanimidade demonstra as distintas experiências de escola dos jovens estudantes, revelando que os sujeitos não apenas são diferentes, mas que a escola em si é espaço de pluralidade, e o mesmo surge quando repetimos a questão sobre a cidade de Presidente Prudente:

A CIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE É...



Fonte: autoria própria.



A maior parte das respostas reflete a satisfação dos jovens em relação à cidade, enquanto as manifestações de descontentamento se vinculam à escassez de oportunidades de emprego ou ao “tédio”, sugerindo uma falta de atratividade. Nesse contexto, foram as entrevistas que contribuíram significativamente para uma compreensão mais abrangente da relação dos jovens com Presidente Prudente com a escola Fernando Costa e as culturas que partilhavam. Os quatro jovens que, através do questionário, entraram em contato com os pesquisadores, bem como os professores entrevistados são representados sinteticamente e com nomes fictícios, no quadro abaixo:

FERNANDO: Estudante do 2º ano Ensino Médio. 16 anos. É rapper, participa e frequenta batalhas de rima. identifica-se com a cultura do Hip Hop.
MARIA: Estudante do 2º ano do Ensino Médio, 16 anos de idade. faz parte da comunidade LGBTQIA+ e partilha dos ideais feministas. Em suas redes sociais, a cultura E-Girl também se mostrou expressiva.
GABI: Tem 16 anos de idade e está no 2º ano do Ensino Médio, se identifica com a cultura Geek, é cosplayer e integrante da comunidade LGBTQIA+
ESTELA: Cursa o 1º ano do Ensino Médio, tem 15 anos de idade. Traz o funk consciente como cultura que se identifica e, em suas redes sociais, demonstra ser grande a influência da religião evangélica.
ALEXANDRE: Natural do estado do Paraná, é professor de sociologia e filosofia. Chegou em Presidente Prudente no ano de 2007, e foi efetivado como professor no E.E Fernando Costa no ano de 2011.
PAULA: Formada como professora no IE Fernando Costa, na época que a escola era espaço de formação para o magistério. Professora de Geografia, ativa na vida política da cidade.

Fonte: autoria própria.

Foram as entrevistas que possibilitaram melhor noção da relação entre escola, cidade e culturas juvenis. Nas falas dos jovens notamos a escola enquanto espaço de disputa de narrativas e tensões que possuem um potencial democrático grandioso. São interações mútuas, que ora se completam e ora expressam embate. Abaixo está um exemplo dos enfrentamentos entre os jovens e a administração escolar:

Gabi: *Eu acho que assim, eu vou fazer uma zueira né, que tem muita gente em Prudente que zoa, que a cada uma sala do IE, três sapatões lá dentro rs*

Gabi narra a expressiva quantidade de pessoas integrantes da comunidade LGBTQIA+ na escola Fernando Costa, mas, quando perguntada sobre qual era a abertura da escola para falar sobre o assunto, a resposta é:

Gabi: *Na verdade, a direção tá fugindo, entendeu rs? Se você falar assim “ah, eu quero”, eles (faz som de fuga) fugiu, nem tá mais lá!*

Gabi: Porque uma vez, quando eu era um pouquinho mais nova, eu quis levar essa pauta, e a escola foi muito a favor não...

Entrevistadora: *Como que foi?*

Gabi: Ah, eu conversei aí a diretora falou assim “ai, isso aí a gente ainda tem que ver, depois a gente conversa com outro fulano”, aí foi jogando pra fulano, foi jogando pra ciclano, quando eu vi não levou pra nada né rs.

O trecho da entrevista acima exemplifica como a escola é um espaço que não só é lócus de disputa de discursos, como também implica em perceber que não está imune ou desvinculada de temas que ocorrem fora de seus portões, lançando o desafio de não apenas abarcar tais discussões por uma escola democrática, mas usar isto como próprio instrumento educativo em potencial. É pelas entrevistas também que podemos perceber o outro lado da moeda, para além de um espaço podador, mas uma instituição que oferece suporte e impacto na vida dos estudantes e da comunidade ao redor. Se isso já era claro para aqueles que defendem a escola em sua totalidade, a pandemia desvelou ainda mais o papel crucial dessa instituição, como narrado pelo professor Alexandre:

Alexandre: No IE. Dois estudantes haitianos, em uma situação de pobreza extrema. No início do ano passado eu tive pais que entraram em contato comigo, que falavam que tava muito difícil, que não conseguia... e nós conseguimos para levantar algumas cestas básicas durante um ano para esses estudantes, aí depois o Estado começou a oferecer também a merenda para esse grupo que deu uma amenizada, mas a gente sabe que uma merenda uma semana e depois ele não sabe quando terá outra é meio complicado, mas é uma realidade que realmente veio à tona, que começou aparecer e a escola de uma certa forma ela tenta ajudar a medida do possível a esses grupos. Agora, os resultados são infinitos né...eu tive estudante que eu tentando entrar em contato para ver se ele ia fazer as atividades que estavam não realizadas, estudante que não estava aparecendo em uma aula ao vivo e eu escutar de falar assim “meu pai morreu, estou trabalhando”, então, tem muita coisinha que a gente não sabe o que aconteceu, só o tempo vai dizer para a gente o que realmente significou essa pandemia, na vida de muitos estudantes.

Outro exemplo disto surge na fala da jovem Estela, que, apesar de dizer em primeiro momento que não notava efeito ou correlação entre o que aprendia na escola e aquilo que consumia culturalmente, ela relata ter começado a ouvir funk consciente por influência da escola também:



Estela: *em, na verdade, no começo eu escutava mais o outro tipo, porém, eu vi que era muito pesado às vezes, falava sobre coisas pesadas, não era para mim, então eu gostei mais do consciente mesmo...*

Entrevistadora: *Interessante você ter falado isso, porque eu queria saber como foi essa tomada de consciência. Como você falou “puts, isso aqui eu não gosto de ouvir”. Teve alguma influência da escola? De coisas que você aprendeu, que te fizeram pensar?*

Estela: *então, foi coisas que família me orientou, escola, amigos, essas coisas, tipo assim, aquilo lá não era legal, porque as vezes as próprias músicas influenciavam o crime, como uso de drogas e pornografia.*

Outras situações como essa são narradas nas entrevistas, tanto pelos alunos, quanto pelos professores. Maria, por exemplo, já havia frequentado protestos políticos na cidade por proximidade a uma das professoras, que estava sempre presente nos espaços políticos. Paula também relata em entrevista a escolha de certos cursos de graduação por parte de estudantes a partir da identificação com determinado professor.

Para além das entrevistas, a netnografia nos ofereceu suporte para percebermos conteúdos interessante. Destacamos aqui o perfil de dois desses jovens, Maria e Fernando, para completar a análise entre culturas e coletivos juvenis e saberes escolares, pois foram os dois jovens quem constantemente postavam conteúdos explicitamente políticos em suas redes sociais, e eram também eles quem mais citavam as disciplinas de ciências humanas como as matérias de maior identificação e proximidade. Quando perguntado sobre o impacto do movimento hip-hop em sua vida, Fernando diz:

Fernando: *Mano, eu comecei a ter outra visão das coisas, tá ligado... Tipo, antes eu tinha uma visão, agora eu tenho uma outra visão das coisas, tá ligado? Comecei a gostar mais de filosofia, mano, comecei a gostar de ciências sociais, comecei a ler bastante, tá ligado... Então, tipo, o bagulho abre mente, mano.*

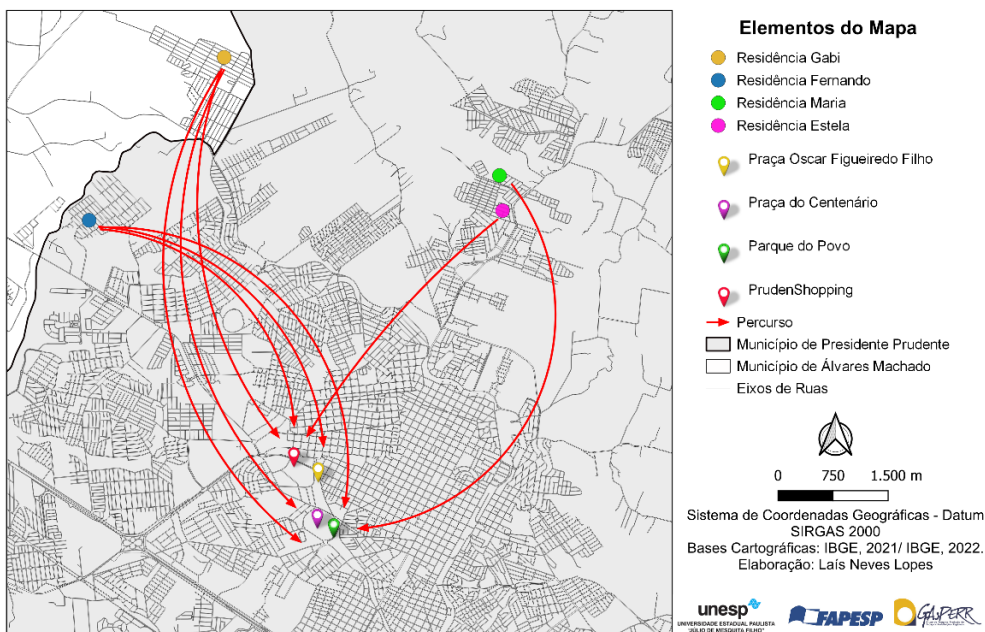
Fernando: *As duas matérias que eu mais gosto é filosofia e ciências sociais que, tipo, eu comecei a gostar dessas duas matérias por causa do Rap, que tipo, o Rap fala muito bem disso, tá ligado.*

Já Maria, notadamente preocupada e engajada com causas políticas tanto em suas falas quanto, principalmente, nas redes sociais, diz:

Maria: *Olha, as duas matérias que eu sou apaixonada e que eu casaria com elas se elas fossem pessoas é sociologia e história.*

Entendendo a relação entre juventudes e escola, suas culturas e posicionamentos defendidos, partimos para a interação com o espaço urbano. Com as entrevistas, acessamos os locais de moradia e de lazer dos quatro jovens colaboradores, buscando compreender quais percursos estabelecem, e quais lógicas poderiam estar sendo subvertidas com os deslocamentos e deambulações desses sujeitos que aconteciam, principalmente, em grupos. A síntese disso é representada a seguir:

MAPA PERCURSO DE LAZER DOS JOVENS PARTICIPANTES DA PESQUISA



Fonte: Mapa produzido pela autora.

Durante as conversas, três locais de lazer foram mencionados com mais frequência pelos jovens participantes: o Parque do Povo, a Batalha do Vale e o Prudenshopping. Todos os três locais estão situados na mesma região da cidade, estruturando uma centralidade de consumo e lazer em uma mancha que exerce forte importância, em especial, para a vida noturna do lazer prudentino, é um espaço que em tempos pretéritos já era local de encontro, sociabilidade, e até mesmo subversões. Extremamente dinâmica, a área se transforma em períodos diferentes do dia e em dias diferentes da semana, variando o padrão dos usuários em formas de consumo e estratos sociais. É necessário entender a área do Parque do Povo sempre em interação com outros espaços de seu entorno, como o próprio PrudenShopping.

Sobre a Batalha do Vale, ela se destaca pelo caráter e origem de criação, em Presidente Prudente. A ocupação de um espaço público, então chamado de Praça Oscar Figueiredo Filho, ganha o nome popular de Praça da Batalha do Vale, após apropriação do movimento do Hip-

Hop, ofertando às juventudes marginalizadas da cidade um espaço de lazer situado em uma das áreas de maior valorização capital que, quando planejada, não fora pensada para este público, tampouco para esse tipo de uso, de tal modo que carrega em sua história conflitos travados por exemplo, com a própria polícia.

É nesse sentido que dissertamos sobre o movimento centro-periferia como uma dinâmica ainda expressiva, em Presidente Prudente. Sem deixar de lado os indícios do processo de fragmentação socioespacial, entendemos os trajetos e práticas exercidas pelas juventudes periféricas prudentinas como caminho para podermos pensar em uma suposta contratendência e resistência à lógica de afastamento das classes mais pobres de áreas de lazer, partindo das experiências juvenis, de seus agrupamentos e movimentos que tensionam lógicas de produção do espaço, através de mecanismos que passam pelas culturas e/ou coletivos que participam, onde produzem saberes e conhecimentos e, dialeticamente, também produzem a cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a pesquisa nos deu aporte para compreender como as juventudes representam um potencial caminho para entendimento das dinâmicas urbanas, tanto como parte integrante de processos globais, como uma frente de resistência a eles, de modo por vezes contraditório. Exemplo disso vemos pela “mancha de lazer”, reafirmada na pesquisa, e que sugere a hipótese de que as juventudes estariam formando frente de contratendência à lógica fractal, ao se apropriarem, de alguma forma, de uma área central.

No que tange os conhecimentos produzidos nos coletivos e culturas juvenis, é perceptível que, além da existência clara de tais saberes, eles também têm impacto direto na dimensão simbólica e espacial e, por conseguinte, nos comportamentos desses jovens. Os saberes que partilham nesses espaços informais moldam suas experiências pessoais, em uma relação íntima com seus desejos e preocupações.

As contradições vividas em espaço escolar são sintomas do potencial democrático que pode ser alcançado dentro dessa instituição, sempre à luz da disputa de visão de mundo, ela desempenha seu papel de controle, ao mesmo tempo que se reafirma como suporte social e espaço de encontro, sociabilidade e transformação, podendo ser ponto de partida para mudanças de trajetórias.

BARRETO NETTO, Adolpho. **Centralizadas do lazer em Presidente Prudente: Fluxos, Tensões e Territorialidades no Parque do Povo**. 2015, 129 fl. Monografia de Conclusão de Curso – Bacharelado em Geografia. Faculdade de Ciências e Tecnologia Unesp, Campus de Presidente Prudente, 2015.

CARRANO, Paulo. Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência. **Revista Teias**, v. 12, n. 26, pp. 07-22, set./dez. 2011.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens escolares e a cidade: concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n.35, Volume Especial, p. 74-86, 2013.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. n.24, p. 40-52, set/out/nov/dez, 2003.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**. Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007

PAIS, José Machado; LACERDA, Miriam Pires Corrêa de; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação - uma entrevista com José Machado Pais. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 64, p. 301-313, abr./jun. 2017

TURRA NETO, Nécio. Microterritorialidades nas cidades: uma introdução à temática. **Revista Cidades**. v. 10, n. 17, 2013.

HALL, Stuart. A identidade em questão. HALL, Stuart. **Identidade e Cultura na Pós-Modernidade**. 11ª Ed. São Paulo: DP&A Editora, 2006. p. 7 - 22.

MORCUENDE, Alejandro. Por trás das origens da fragmentação socioespacial. **Mercator**, Fortaleza, v.20, 2021

Sposito, Eliseu Savério; Sposito, Maria Encarnação Beltrão. FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL. **Mercator (Fortaleza)**. Universidade Federal do Ceará, v. 19, p. -, 2020.

SPOSITO, M. E.; GÓES, E. M. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. Presidente Prudente: Editora Unesp, 2013.

BERNET, J. T. Ciudades educadoras: bases conceptuales. In: ZAINKO, M. A. S. et al (org.). **Cidades educadoras**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1997. p. 13 – 34.